



# II Semana da Demografia

## XENORRACISMO: A FACE DO PRECONCEITO NA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS<sup>1</sup>

Juliana Carvalho Ribeiro<sup>2</sup>

### RESUMO

O atual fenômeno migratório internacional é marcado pela intensificação das migrações Sul-Sul – configuradas pelo movimento cada vez mais vigoroso de migrantes entre (e em direção) aos Países do Sul –, e o Brasil se destaca entre os países que entraram na rota dos fluxos. Apesar (e em função) desta intensidade, imigrantes não-brancas/os (pretas/os, pardas/os ou indígenas) são recorrentemente desqualificadas/os e tratadas/os como inferiores – não apenas no nosso País, mas, também, nele –, vítimas do que ficou conhecido como *xenorracismo*. Sivanandan (2001) e Fekete (2001), referências internacionais na luta pelos direitos de migrantes na Europa, inspiram reflexões acerca deste novo conceito: uma *xenofobia* que carrega toda a carga do *racismo* construído historicamente. Esta realidade, cada vez mais evidente e cotidianamente alimentada, longe de ser algo recente, tem raízes que remontam ao período colonial. Inserida no Projeto Temático Observatório das Migrações em São Paulo (Nepo-Unicamp), esta pesquisa tem como objetivo refletir acerca do xenorracismo praticado na Região Metropolitana de Campinas-SP, usando como referências 76 entrevistas semiestruturadas aplicadas com migrantes internacionais residentes em Americana-SP entre fins de abril e meados de agosto de 2022. Percebem-se violências nas experiências de vida das/os interlocutoras/es da pesquisa. Busca-se, assim, refletir sobre elas, para compreendê-las com mais profundidade e criticidade e, dessa forma, lutar contra elas. A migração não-branca requer intervenção e diálogo junto à sociedade receptora para não intensificar o *xenorracismo*, mas o que se tem assistido atualmente, com a ressurgência da extrema direita e a consolidação de neofascismos, são ataques deliberados por parte de parcelas consideráveis de populações e por representantes governamentais a migrantes não-brancas/os. Para apreender esta realidade, colocamos a lupa sobre a Região Metropolitana de Campinas-SP, mais especificamente Americana-SP. Por sermos todas/os migrantes – porque migramos, uma vez que essa é uma possibilidade sempre existente, ou porque a migração desenhou a história de nossas famílias, com laços sanguíneos ou não –, o presente estudo se torna, também, autorreflexão. Refletir sobre os processos migratórios é pensar sobre nós mesmos e é lutar por um mundo mais justo.

**Palavras-chaves:** Xenofobia; Racismo; Xenorracismo; Região Metropolitana de Campinas; Americana-SP.

### RESUMEN

El actual fenómeno migratorio internacional está marcado por la intensificación de las migraciones Sur-Sur – conformadas por el movimiento cada vez más vigoroso de migrantes entre (y hacia) los países del Sur, y Brasil se destaca entre los países que han entrado en la ruta del flujo. A pesar de (y debido a) esta intensidad, los inmigrantes no blancos (negros, morenos o indígenas) son repetidamente descalificados y tratados como inferiores – no sólo en nuestro país, sino también en él –

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na II Semana da Demografia da Universidade Estadual de Campinas, evento que ocorreu entre os dias 22 e 26 de abril de 2024.

<sup>2</sup> Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/IFCH/Unicamp.

víctimas de lo que se ha dado en llamar xenoracismo. Sivanandan (2001) y Fekete (2001), referentes internacionales en la lucha por los derechos de los inmigrantes en Europa, inspiran reflexiones sobre este nuevo concepto: una xenofobia que lleva todo el peso del racismo históricamente construido. Esta realidad, cada vez más evidente y alimentada a diario, lejos de ser algo reciente, tiene raíces que se remontan al periodo colonial. Como parte del Proyecto Temático Observatório das Migrações em São Paulo (Nepo-Unicamp), esta investigación pretende reflexionar sobre el xenoracismo practicado en la Región Metropolitana de Campinas-SP, tomando como referencia 76 entrevistas semi-estructuradas a migrantes internacionales residentes en Americana-SP entre finales de abril y mediados de agosto de 2022. La violencia se percibe en las experiencias vitales de los participantes en la investigación. El objetivo es reflexionar sobre ellas para comprenderlas más profunda y críticamente y así luchar contra ellas. La migración no blanca requiere intervención y diálogo con la sociedad receptora para no intensificar el xenoracismo, pero lo que estamos viendo actualmente, con el resurgimiento de la extrema derecha y la consolidación del neofascismo, son ataques deliberados a los migrantes no blancos por parte de sectores considerables de la población y de representantes gubernamentales. Para comprender esta realidad, ponemos la lupa en la Región Metropolitana de Campinas-SP, más concretamente en Americana-SP. Porque todos somos migrantes – porque migramos, ya que siempre es una posibilidad, o porque la migración ha marcado la historia de nuestras familias, con lazos de sangre o no —, este estudio también se convierte en una autorreflexión. Reflexionar sobre los procesos migratorios significa reflexionar sobre nosotros mismos y luchar por un mundo más justo.

**Palabras-clave:** Xenofobia; Racismo; Xenoracismo; Región Metropolitana de Campinas; Americana-SP.

## ABSTRACT

The current international migration phenomenon is marked by the intensification of South-South migrations – shaped by the increasingly vigorous movement of migrants between (and towards) the countries of the South, and Brazil stands out among the countries that have entered the flow route. Despite (and because of) this intensity, non-white immigrants (black, brown or indigenous) are repeatedly disqualified and treated as inferior – not only in our country, but also in it – victims of what has become known as xenoracism. Sivanandan (2001) and Fekete (2001), international references in the fight for migrants' rights in Europe, inspire reflections on this new concept: a xenophobia that carries the full burden of historically constructed racism. This reality, which is increasingly evident and fed on a daily basis, far from being recent, has roots that go back to the colonial period. As part of the Thematic Project Observatório das Migrações em São Paulo (Nepo-Unicamp), this research aims to reflect on the xenophobia practiced in the Metropolitan Region of Campinas-SP, using 76 semi-structured interviews with international migrants living in Americana-SP between the end of April and mid-August 2022. Violence is perceived in the life experiences of the research participants. The aim is to reflect on them in order to understand them more deeply and critically and thus fight against them. Non-white migration requires intervention and dialog with the receiving society so as not to intensify xenoracism, but what we are currently seeing, with the resurgence of the extreme right and the consolidation of neo-fascism, are deliberate attacks on non-white migrants by considerable sections of the population and by government representatives. To grasp this reality, we put the magnifying glass on the Metropolitan Region of Campinas-SP, more specifically Americana-SP. Because we are all migrants – because we migrate, since this is always a possibility, or because migration has shaped the history of our families, with blood ties or not – this study also becomes self-reflection. Reflecting on migratory processes means thinking about ourselves and fighting for a fairer world.

**Keywords:** Xenophobia; Racism; Xenoracism; Metropolitan Region of Campinas; Americana-SP.

## INTRODUÇÃO

*Xenofobia e racismo* são categorias diferentes, mas, frequentemente, observa-se uma sobreposição entre elas, resultando o que ficou conhecido como *xenoracismo*. Sivanandan (2001) e Fekete (2001), referências internacionais na luta pelos direitos de migrantes na Europa,

inspiram reflexões acerca deste novo conceito: uma *xenofobia* que carrega toda a carga do *racismo* construído historicamente. Imigrantes não-brancas/os (pretas/os, pardas/os ou indígenas) são recorrentemente desqualificadas/os e tratadas/os como inferiores, e esta realidade, cada vez mais evidente e cotidianamente alimentada, longe de ser algo recente, tem raízes que remontam ao período colonial.

Dessa forma, a inferioridade incutida às diversas etnias negras africanas e às etnias nativas desta terra – nossos indígenas, então chamados de índias/os<sup>3</sup> por europeus – era debatida entre religiosos cristãos e referendada pelo Papa, em mais um dos processos que revelava a fusão entre o Estado e a Religião. Esse processo determinou uma suposta superioridade branca – defendida pelos próprios brancos – e, portanto, uma superioridade europeia. “A branquitude é construída como ponto de referência a partir do qual todas/os as/os ‘Outras/os’ raciais ‘diferem’” (Kilomba, 2019, p. 75; grifos da autora).

Essa justificativa respaldava a retórica da colonização como caminho para catequização civilizacional para nativas/os da América, que precisavam ser “salvos” de sua própria cultura em sua própria terra – o Novo Mundo –, que não era mais do que o novo território europeu. Eram os europeus que invadiam e colonizavam as terras e, nesse processo, usavam de diferentes formas de violência. Salientando esta questão, o grifo de Ribeiro (2019, p. 83-84) acerca de negras/os africanas/os escravizadas/os pode ser estendido a indígenas: “[...] a visão colonial que via os corpos negros como violáveis”. Kilomba (2019, p. 33) adjetiva como sádicas as políticas de conquista e dominação do colonialismo que produziram “[...] regimes brutais de silenciamento”.

Com a ascensão da burguesia e com a formação do Estado laico, no século 19, a Europa – e nesse momento histórico, também os Estados Unidos da América (EUA) – irá se voltar para seu novo método de produzir verdades: a ciência moderna. Nesse contexto, teorias raciais<sup>4</sup> – e racistas – começam a ser desenvolvidas e, ao final desse mesmo século, por volta de 1870, chegam ao Brasil, onde também serão utilizadas pela elite branca. Para a formulação dessas

---

<sup>3</sup> O termo torna homogêneos os diferentes povos originários da América, não respeitando sua diversidade e é utilizado, historicamente, de forma pejorativa, com intuítos de inferiorização ou romantização. Atualmente, os povos originários preferem ser chamados de indígenas, que em latim, significa “natural do lugar em que vive”. Mesmo assim, a forma mais respeitosa é identificar cada grupo étnico por sua etnia, que é a base cultural da sua identidade. É o que defende, por exemplo, o professor e escritor Daniel Munduruku (Munduruku é sua etnia) em diferentes falas: “Eu não sou índio. Essa palavra não diz o que eu sou, diz o que as pessoas acham que eu sou. Essa palavra não revela minha identidade, revela a imagem que as pessoas têm e que muitas vezes é negativa”. Trata-se de um processo de descolonização do vocabulário e das ideias. Disponível em: <http://www.nonada.com.br/2017/11/daniel-munduruku-eu-nao-sou-indio-nao-existem-indios-no-brasil/>. Acesso em: 20 set. 2023.

<sup>4</sup> “[...] o termo raça é introduzido na literatura mais especializada em inícios do século XIX [...] inaugurando a ideia da existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos” (Schwarcz, 1993, p. 47).

teorias, os corpos não-brancos eram objetos de estudos<sup>5</sup> para se determinar supostas evidências da sua própria inferioridade, “[...] estabelecendo-se correlações rígidas entre patrimônio genético, aptidões intelectuais e inclinações morais” (Schwarcz, 1993, p. 47).

Essa concepção não foi refutada no Brasil. Ao contrário, a elite branca brasileira abraçou e, desde a independência, perpetua o *racismo* com boa parte da própria população – com origem indígena e negra –, agora justificado cientificamente. Negras/os e indígenas representariam o atraso. Atualmente, um olhar crítico a essas teorias já foi postulado e elas são definidas como *Racismo Biológico* – apesar de ainda serem reproduzidas, mesmo que com novas faces, como a *xenofobia*.

Na República Velha, o *Racismo Biológico* levou à eugenia, ideia de embranquecimento da população, também reproduzida a partir da Europa<sup>6</sup>, que buscava “importar” europeus em um projeto político de imigração consagrado pelo governo republicano, que alegava necessidade de substituir a força de trabalho negra, antes escravizada, ao invés de considerá-la em seu novo projeto de nação. Portanto, com a consolidação das elites brancas na América, a noção de raça utilizada para hierarquizar corpos não é rompida, mas reproduzida em outros termos, de outra forma, com outras faces que consolidam, de maneira contundente, o *racismo estrutural e o institucional*<sup>7</sup> que nos acompanha ainda na contemporaneidade.

Por sua vez, a *xenofobia* – *xeno* vem do grego e quer dizer *estrangeiro*, e *fobo*, que também vem do grego, quer dizer *aversão*, *horror* – vai se consolidar na Europa após a Segunda Guerra Mundial, quando seus países se revelam, de forma cada vez mais intensa, destinos de migrantes de diferentes lugares do Sul Global – migração Sul-Norte –, realidade que ganha(rá) vigor a cada crise econômica. Além disso, ela é alimentada pela ampliação da mobilidade

---

<sup>5</sup> Como exemplos, podemos destacar a frenologia e antropometria: “[...] teorias que passavam a interpretar a capacidade humana tomando em conta o tamanho e proporção do cérebro dos diferentes povos” (Schwarcz, 1993, p. 48).

<sup>6</sup> “O termo eugenia – *eu: boa; genus: geração* – foi criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton [...] que buscava provar, a partir de um método estatístico e genealógico, que a capacidade humana era função da hereditariedade” (Schwarcz, 1993, p. 48; grifos da autora).

<sup>7</sup> Basso (2013) nos apresenta o conceito “racismo institucional”, delegando aos Estados, aos governos e aos parlamentos seu primeiro protagonismo. O autor caracteriza a construção institucional desta prática: “[...] com suas legislações especiais e seus discursos públicos contra os imigrantes; com sua práxis administrativa discriminatória e arbitrária, que torna amarga a existência dos imigrantes e legitima a superexploração brutal do seu trabalho; com a seleção, de fundo racial, entre nacionalidades ‘boas’ e nacionalidades perigosas, entre imigrantes ‘desejáveis’ e indesejáveis” (BASSO, 2013, p. 85-86; grifos do autor). Ao referenciar aos Estados, aos governos e aos parlamentos o “primeiro protagonismo” desta prática, Basso (2013, p. 85) afirma que “primeiro não quer dizer, é claro, único”, implicando a três fontes o que ele chama de “fábricas [...] de venenos racistas”. Além do Estado, o autor elenca “[...] o mercado [...] e a indústria da mídia de massa”, agindo em conjunto e atendendo às “[...] necessidades cogentes do mercado global, dos Estados Nações e a dita opinião pública” (Basso, 2013, p. 85).

corporal – sobretudo pela progressiva expansão da globalização. E esse sentimento de *aversão ao estrangeiro* se espalha rapidamente, alcançando a maior parte dos países do mundo.

Institui-se, assim, a busca pelo *migrante ideal* (Bastide; Fernandes, 2008) – apontado, quase unanimemente, como branco, europeu e supostamente civilizado. A chegada da/o *migrante não-ideal* – “[...] acima dos seres animalizados, impuras formas de humanidade” (Kilomba, 2019, p. 19) – provoca um acirramento das relações sociais, que, por sua vez, é tomado como consequência de um choque cultural. “Diálogos de Samira” – literatura construída (também) por narrativas de um menino refugiado de 13 anos chamado Karim – apresenta trechos que ilustram esse choque: “Se a Europa me ensinou alguma coisa, foi a de que não existe nada mais assustador do que um africano a lhe atravessar as fronteiras” (Camargos; Caruso, 2015, p. 37); “‘Escondam o vosso dinheiro, escondam as vossas filhas, os pretos estão a invadir-nos o quintal’. Ouço-lhes os pensamentos quando nos veem aproximar do guichê e lhes entregamos o nosso passaporte do terceiro mundo” (Camargos; Caruso, 2015, p. 37); “Tinha acabado de chegar à Europa e já só queria fugir dela” (Camargos; Caruso, 2015, p. 39).

A *migração não-branca* requer intervenção e diálogo junto à sociedade receptora para não intensificar o *racismo* e a *xenofobia*, mas o que se tem assistido atualmente são ataques deliberados por parte de parcelas consideráveis de populações e por representantes governamentais a *migrantes não-brancas/os* – sobretudo nos Países do Norte, mas, também, no Brasil – com a ressurgência da extrema direita e a consolidação dos neofascismos.

Neste contexto de aversão, a Região Metropolitana de Campinas-SP ganha destaque. Nessa análise, dois pontos devem ser considerados: por um lado, o fato de ela atrair migrantes internacionais que chegam ao Brasil – pelo seu dinamismo econômico e pela sua proximidade com São Paulo-SP – e, por outro lado, duas de suas características sociodemográficas – Campinas-SP apresenta alto IDH e tem uma população majoritariamente autodeclarada branca. Esses dois pontos indicam caminhos para que o xenorracismo praticado – e denunciado por migrantes internacionais que vivem neste recorte – seja compreendido e analisado – objetivo central deste estudo.

## **MÉTODOS**

O presente estudo é um desdobramento de uma pesquisa maior, desenvolvida pelo Observatório das Migrações em São Paulo-SP (Nepo-Unicamp). Destaca-se, entre os métodos empregados, o processo de escuta, desenvolvido entre fins de abril e meados de agosto de 2022, que alcançou 76 migrantes internacionais residentes em Americana-SP.

As entrevistas foram aplicadas de forma remota, via WhatsApp, e foram gravadas e transcritas. É importante destacar que as transcrições respeitaram as verbalizações, tendo sido realizadas de forma literal e direta. Todas/os as/os interlocutoras/es receberam nomes fictícios e tiveram suas identidades preservadas. O gênero das/os participantes também foi respeitado. Todas as informações sobre elas/es são fidedignas. Grifa-se ainda que o roteiro foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp.

## RESULTADO E DISCUSSÃO

No Brasil, a aversão a migrantes latino-americanas/os – não-brancas/os – ganhou corpo com a intensificação das Migrações Sul-Sul. Fenótipos latino-americanos são encarados, muitas vezes, com olhares estigmatizados e racistas, como um marcador social de diferença hierárquica. A crise econômica da segunda década do século 21 contribuiu para alimentar a *xenofobia*, como uma espécie de cópia dos Estados Unidos, sobretudo pela população considerada branca no Brasil, em uma atitude que pretende negar a origem latino-americana dos próprios “brancos” brasileiros – que, em sua maioria, nem são considerados brancos na Europa ou nos Estados Unidos.

Analisando a *migração não desejada*, Singer (1980, p. 242) reflete sobre “[...] a formação de população ‘marginal’ nos lugares de destino”, recorrentemente associada à “[...] migração na América Latina”, apontando que ela foi denunciada por autores diversos por contribuir com a formação da “[...] marginalidade”. O autor ainda assinala que “[...] a ‘marginalidade’ é, em geral, conceituada como não integração na economia capitalista e não participação em organizações sociais e no usufruto de certos serviços urbanos” (Singer, 1980, p. 242). Por fim, a marginalidade ainda significa a associação com o crime. Muitas vezes, migrantes latino-americanas/os no Brasil são vítimas de crimes, como a superexploração da sua força de trabalho, mas, ao invés de serem tomadas/os como vítimas, são lidas/os como criminosas/os:

*[...] eu me sentiu explorado uma vez [...] Era um serviço que eu fazia, por empreiteira, e eu ia fazer esse serviço e, na verdade, eu contava com o dinheiro... E no fim a pessoa pegou e no pagou... E ficou com o dinheiro. Era pra mim ter levado para a justiça, mas por ser que eu estava lá em uma terra estrangeira, eu no queria arrumar mais problemas pra mim... Eu larguei pra lá, mas era só isso que eu poderia reclamar. Mas o resto está tudo normal. Só que eu no levei pra frente, eu deixei quieto. Por eu ser estrangeiro mesmo, ele no pagou (Marco, migrante haitiano em Americana-SP).*

*Muitas veces [me sentí explotada]. As primeras veces fui ruim [choro]. Muito ruim. Porque no tinha cómo sair. Nem para preguntar. Eu quis voltar para a minha terra. Só que eu no sabía falar, yo no sabía ni cómo salir de lá. En frente tenia un cachorro*

que no deixava salir. Essa casa fue en San Paulo, cuando eu trabalhei en San Paulo, desse jeito. Pero conseguimos salir y comenzamos a trabalhar así autónomos. Y depois poco a poco fomos melhorando. Y hace dos años ya que estamos pagando aquele documento para a oficina. CNPJ. Mas foi muito ruim aquela época. Os donos de lá se separaron. Y aí a oficina faliu porque muitos fugiron. Y cuando eles se separaron, se divorciaron, pra nós fue más fácil salir. Eu y meu marido. Havia un canal, no lembro... que tenia aquele señor que llamava Gugu, que podia ligar lá, y eu queria pedir ayuda [choro], eu queria voltar de volta à minha terra, pero no conseguí. Eu no sabía escrever, nada. Acho que foi ano pasado que ele ya morreu. Eu sentí tanto dó daquele señor porque eu queria pedir ayuda naquela época. Que eu estava grávida de minha filha, da minha primera filha. Y eu queria pedir ayuda. Muito. Y eu olhava y pensava: "será que pode me ayudar aquele señor?". Pero cómo eu no sabía escrever nada, eu fiquei así. Y pasó un tiempo nós salimos daquela casa y fomos trabalhar otro lugar (Gabriela, migrante boliviana em Americana-SP).

Eu trabalhava além do horário e fazia tudo o que me pedia e não recebia por isso... e quando eu reclamava, ele dizia que ia me dispensar (Elis, migrante paraguaia em Americana-SP).

[...] la verdad donde estaba era muy poco el salario. No tenia muchas opciones... ¿Entiende? (Luiz, migrante venezuelano em Americana-SP).

[...] yo trabajé aquí en Americana, mas yo trabajé en una oficina con compatriotas bolivianos mismo. [...] mas no me pagaram. Praticamente um año intero no me pagaron. Quando fui a cobrar, no tenia nada. Y se escapó para San Paulo, né? El dono de la oficina. Lo encargado dizia que era el administrador y yo confié. Porque él dije que era administrador de la empresa. Entonces se escaparam y no pude hacer más nada (Sonia, migrante boliviana em Americana-SP).

Aquí és conocido varios venezolanos que no tienen sus empleos. Algunos trabajan con bolivianos que tienen oficinas. Con los que tienen oficina. Y és un poco difícil porque trabajan casi un día completo. Aí és conocida varias historias de venezolanos que trabajaban así y que empeoró por conta de la pandemia. Y se le esto muy difícil, estar en una oficina desta, porque no tiene ni vida propia. És muy difícil (Lilith, migrante venezolana em Americana-SP).

[...] muchas veces. Porque yo no podía... Ni siquiera podía llevar a mis hijos a lo postinho [posto de saúde do SUS] cuando estaban enfermos porque tenía que pagar las horas no trabajadas (Graziela, migrante boliviana em Americana-SP).

He acontecido una cosa aquí... Muchas veces no querian pagar la diaria que devian. Pero yo salir fuera rápido. Porque soy una persona que no nega servicio, soy un profesional, y cobro lo combiando. Si lo combinado fuera 150, deve pagar 150. Entonces yo salir fuera rápido. Aconteceu una vez, pero yo salir fuera. Pero ficaron me devendo un dinero, una diaria que no me pagaron [...] escucho muchos casos de persona que és explotado (Rafael, migrante venezuelano em Americana-SP).

Eu me sentí [explotada]. Foi outro boliviano mesmo, né? Eu trabalhava pra ele então meu filho ficava doente na creche e ele não deixava pra eu poder levar o meu filho para hospital, as veces ele deixava sair mas eu tinha que completar o horário fora do horário do trabalho. As veces eu trabalhava fim de semana... Ele era muito exigente conmigo e yo me sentía muito mal (Joana, migrante boliviana em Americana-SP).

Voy a hacer una referencia que lo he tenido... Yo fui hacer una faxina en una escuela donde dan cursos y hice mi trabajo, normal, y eles me pagaron 150 por el trabajo. 150. Entré la 8h00 y salí a las 17h00 y me pagaron 150. Después, conseguí un trabajo con una empresa para hacer una faxina. Yo trabajé dos semanas con ellos. En una faxina fue la limpieza de un edificio, fue bastante trabajo, bastante. Empezé a las 7h30 y salí a las 18h00 y me pagaron por esto faxina fue 70 reais (Josefina, migrante venezolana em Americana-SP).

*Mi hijo [18 años] podría comenzar a trabalhar, mas como ele no tem documento, entonces no consigue, só estamos trabalhando ajudando a otras pessoas. Compatriotas. Con costura. [...] Donde estoy aquí ahora és una familia de bolivianos, né? Y eles me dieron un cuarto para morar junto con eles y yo estoy aquí trabalhando junto con eles. Junto. Morando juntos en esta casa con eles. Eu trabalho de segunda a sábado y a gente trabalha desde siete horas de la mañana hasta siete de la noche (Eliz, migrante boliviana em Americana-SP).*

*En la empresa donde yo estaba trabajando había una area que era para mujeres. Solo que habían colocado muchos personales y me pasaron para otra area para un trabajo más pesado. Trabajo de hombre. Y entonces yo iba hacer lo trabajo porque precisava del empleo. Pero al yo comecé con una lesión en mi brazo. Con la cervicale... Y comecé a ir a médicos y creo que por esto me despidieron también. Este médico me dijo que iba me dar una carta, que no podía más trabajar así... Entonces yo hablé esto con mi jefe y me despediron. Fue así... A mi esposo también (Junia, migrante venezolana em Americana-SP).*

*Fue explotada una vez y chorei muito, sabe? Eu cheguei en casa y falei: "amor, eu no quero seguir así trabalhando...". Eles falavan muito mal de los inmigrantes, sabe? Falavan que los inmigrantes venen a Brasil para tirar la oportunidad de los brasileros. Y cosas así, entendeu? Y eu ficava en casa chorando. Y eu falava que a minha vontade era voltar para Venezuela, sabe? Y ele falava: "amor, você no pode fazer este, porque se você voltar você no vai a conseguir voltar más aqui para Brasil...". Por causa da documentação, né? Que ainda no estaba pronta... (Angeles, migrante venezolana em Americana-SP).*

*Eu posso escribir una enciclopédia... Porque aonde fica meu negócio, chega muito venezolano. A maioria dos meus clientes son venezolanos. E é cada história que eles contavan... que trabalhava en fazenda y os caras depois no querian pagar... ou falavan que estavam pagando porque moravan ali y tenian comida... o fazian un serviço que oferecian por exemplo 50 reais y depois salian con 10, 20 reais. Nossa! Todo dia chega una história... Horrível, horrível... (Alejandro, migrante venezolano em Americana-SP).*

*En realidade, eu peguei esse trabalho foi o trabalho mais ruim que eu he podido pegar. Fue essa lavanderia. Porque eu trabalhava demais y eu considerava que era muito pouco dinero. Para todo que eu tenia que fazer (Yolanda, migrante venezolana em Americana-SP).*

*hay personas que son profesionales y no pueden ejercer y tiene que trabajar en cualquier cosa porque la idea és sustentarse (Katherine, migrante venezolana em Americana-SP).*

*Eu no [sufri], mas, segundo o que cuenta mi irmão, que no há podido trabajar un poco más con servicio fijo, sí. Ele fala que sí. As veces, por ser extranjero, dejaran de pagar a ele por su trabajo (Sara, migrante venezolana em Americana-SP).*

*Muchos de nosotros sufrimos con la explotación (Luiz, migrante venezolano em Americana-SP).*

E esta é apenas uma das faces do preconceito no País: migrantes transnacionais não-brancas/os no Brasil revelam-se ainda mais marginalizadas/os que pretas/os e pardas/pardos brasileiras/os. São inúmeras as adversidades enfrentadas por essas/es migrantes, para que elas/es possam se estabelecer junto às sociedades receptoras. Esta realidade lança por terra os mitos de receptividade – a suposta cordialidade – como um elemento da cultura brasileira, revelando a situação de vulnerabilidade suportada por migrantes transnacionais.



*Los inmigrantes as veces somos mal vistos (Sonia, migrante boliviana em Americana-SP).*

*Tem pessoas que, con pandemia o sin pandemia, é así un poco prejudicioso, sabe? Aquela coisa así de cómo olha os inmigrantes, cuando pasamos na rua, que venimos a tirar la oportunidad, desrespeita los inmigrantes, entendeu? (Angeles, migrante venezolana em Americana-SP).*

Em decorrência dessa aversão, elas/es se veem cada vez mais distantes de sua inserção no mercado de trabalho ou de sua estabilidade laboral:

*[...] eu estou desempregada, né? Eu tenho três crianças que está usando fralda... Leite... A gente paga aluguel, né? A gente tem mais um filho [no] Haiti a gente precisa mandar pra ele, né? Ficou lá com a mia mãe, ele tá doente... E a gente precisa, né? (Ester, migrante haitiana em Americana-SP).*

*[...] no tem trabajo pra mim. Toda vez que falavam pra mim entregar currículo, eu entregava currículo y falavam pra mi: "ah... eu vou te chamar"... Y nunca chamavam. Ninguém ligava pra mim (Verónica, migrante boliviana em Americana-SP).*

*[Mia principal preocupación és tener] Um bom emprego (Yasmil, migrante paraguaia em Americana-SP).*

*[...] eu trabajava na churrasquería, arrumando, aí eu saí porque eu no gostei muito da condición da mia patroa. Eu tenia que hacer muitas cosas que eu no fazia no comienzo, né? Aí ela queria que eu fazesse mais do que eu fazia... Aí uma vez eu tava decidida a ir embora mas no conseguí. Aí tube desempregada y me sustentaba con o seguro desempleo y algunas diárias que eu fazia (Vera, migrante venezolana em Americana-SP).*

*Eu estava trabalhando antes da pandemia, mas não tenho registro desde 2018 [...] não tenho nenhum contrato [...] [Trabalho] No mínimo 10 horas por dia [...] Fazendo unha e bolo pra vender [...] As vagas de emprego se limitaram muito [após a pandemia]. Nem quem tem estudo e profissão está conseguindo emprego... imagina quem não tem... O Brasil já foi um ótimo país, muito bom pra viver, mas hoje em dia só estou aqui ainda por falta de opção (Elis, migrante paraguaia em Americana-SP).*

*[Mia principal preocupación] És tener un servicio estable, no? Siento por nosotros no tenerlo (Yale, migrante boliviana em Americana-SP).*

*No, no, en la horita, no [estoy trabajando], pero estoy procurando. Estoy trabajando con bicos solamente. Pintura o outra cosa. Siempre aparece algo [...] soy muy bien preparado, nosotros tenemos muchas ideas inovadoras para este país. Necesitamos de una institución que nos escuche y que nos apoie para financiar nuestros proyectos. Yo, por ejemplo, tengo un proyecto que no pudo desenvolver aquí en Brasil. Yo necesito financiamiento y no tengo como hacerlo (Rafael, migrante venezuelano em Americana-SP).*

*Não tenho contrato [...] Eu faz um bico de vez em construção civil, mas nem todas as vezes porque ficou difícil, depois da pandemia (Marco, migrante haitiano em Americana-SP).*

A origem étnica não-branca, muitas vezes, é utilizada de forma perversa para naturalizar a condição da/o migrante como inferior, o que dificulta o seu acesso até mesmo a serviços básicos – como educação e saúde públicas –, aprofundando a precarização das suas

condições de vida. É um imenso conjunto de dificuldades que restringe ou dificulta o acesso a direitos já garantidos por lei:

*A gente é rejeitado... Mesmo no posto de saúde, primeramente son los brasileiros. Aí vem os bolivianos. Ainda eles ficam bravos. Falam: "por que você no vai para seu país?; aquí você atrapalha...". Son varias, también na escola: "você, bolivianos, deviam voltar para seu país" (Verónica, migrante boliviana em Americana-SP).*

*Entonces, cómo falei, eu fui refugiada. Eu tube en refugio. Llegué e después fui transferida para Rondon 2 [primeiro abrigo de trânsito construído para venezuelanos que participam da Estratégia de Interiorização da Operação Acolhida], donde saí para otros estados de Brasil. Entonces fui transferida para Rio de Janeiro, para una casa donde atendian mujeres con neoplasia, mas eu no gostei porque aí era muy exigente, né? As pessoas... Tinha que fazer tudo que vinha. Aí cómo a gente estava acostumbrada diferente, eu duré três meses alí porque eu no gostei. E aí quando eu decidi sair, ellas mandaron embora a gente, estava chovendo e a gente tube que sair de alí, a gente tava esperando o Uber e ellas falaron que no podía esperar alí porque ellas tinham que ir embora. E a gente tube que sair. Aí chovendo pegamos o Uber e tubimos la oportunidad de vir para cá porque una moça de igreja ella ayudou nós. Aí ficamos dos días na casa dela. Aí viemos para San Paulo. Aí nós no llegamos directamente aquí en Americana. Foi así, fomos para San Paulo mismo y llegamos lá y cómo eu entreguei currículo ligaron pra mi para un trabajo y veio una pessoa, un brasileiro, ele falou pra ajudar eu e ele trouxe para Americana. Ele trouxe e conseguiu una vaga en una república de mujeres y entonces eu to morando aquí (Vera, migrante venezolana em Americana-SP).*

Nesses embates, o *xenorracismo* se concretiza no olhar e, cada vez mais, revela-se presente, também, nas falas e nas atitudes para com migrantes, permeando e marcando as experiências de quem é vítima dela. As dificuldades acarretadas são ainda ampliadas quando consideramos o idioma, cujo aprendizado se impõe como grande barreira para as mais variadas frentes da vida migrante:

*Fue difícil [o processo de regularização migratória]... Primeramente yo no conseguia... Eu no sabia ainda ler, certinho... No conhecia muito bem... Eu leio en español, mas tudo és en portugués. Este me atrapalhava bastante. Y para aprender, eu precisei de ajuda, né? Y las moças me ayudaram también. Mi filha, más que todo. Ela que começou a entrar na internet, pesquisar como que ia montar a papelada para os documenos, y todo esto. Mas fue difícil (Verónica, migrante boliviana em Americana-SP).*

*Bueno, cómo no entiendo mucho el portugués, no sayo de casa. Me quedo en casa y tanpoco tengo lugar donde ir. Solo vivo aquí em mi casa (Yvette, migrante venezolana em Americana-SP).*

*Bueno... A la verdad yo voy a ser sincera... A principio lo que me atrasava era el idioma. Esto. El idioma. Porque al principio no lo entendía y no me entendian. Hoy en día, entiendo más (Josefina, migrante venezolana em Americana-SP).*

*[...] és peor para venezolanos que no tienen mucha experiencia hablando en portugués. És más difícil que un venezolano consiga un trabajo como recepcionista... esse tipo de trabajo que tiene que hablar con el público (Ana, migrante venezolana em Americana-SP).*

*Aí eu falava cómo está sendo difícil falar o idioma de vocês... Y aí pasé varios meses na verdade así bien triste (Angeles, migrante venezuelana em Americana-SP).*

*[...] eles [alguns dos seus parentes que também vieram para o Brasil] mudaron de aqui. Porque eles no se adaptavan a la fala, sabe? No sabían la fala... falar... Esto fue bem complicado para a eles, sabe? (Angeles, migrante venezuelana em Americana-SP).*

Árduo para muitas/os migrantes, o idioma se apresenta fator para a sua “não integração” (Singer, 1980, p. 242). Migrantes não se sentem pertencentes, o que gera desconforto, insegurança e traumas ao buscar o sistema público de saúde ou qualquer outro serviço ao qual têm direito.

O orgulho de suas origens pode ser recurso utilizado para resistência de migrantes vítimas de *xenorracismo*. Muitas vezes, ele é usado como ferramenta de luta, porque a identidade cultural e geográfica é parte do que elas/es são e, como não querem ser assimiladas/os, fortalecer esse orgulho é uma forma de existir e resistir, a partir da produção de *territorialidades* (Costa, 2011).

*[...] nós intentamos algunas veces reunirmos nossos amigos venezolanos, son miembros también de la iglesia que frequentamos. Na Semana Santa combinamos y alugamos un lugar y nos reunimos todos. Dos días. Esto que a gente conseguiu. Hace poco estávamos con los miembros de la iglesia. Enton, siempre la gente está en contacto (Ronald, migrante venezuelano em Americana-SP).*

*[...] cuando a gente chegou aqui, a gente chegou tipo refúgio, né? Que tinha este pastor peruano. Na verdade era una casa que tinha alugado y que aí chegaron algunos venezolanos, né? Aí conheci algunas pessoas que ainda ten contacto con ellos. Y aqui na ciudad ten otros que moran perto aqui do bairro... no bairro mismo donde a gente mora. Enton, de vez en cuando a gente se reune, faz una sopa... faz alguna cosa aí pra gente conversar... (Alejandro, migrante venezuelano em Americana-SP).*

*Aqui tem otros vezezeuelanos. Tem mi cunhado e su família. Também tem alguns amigos de igreja porque somos alguns que estamos morando aqui. E estamos sempre com eles. Sempre fazemos alguma atividade, alguma cosa juntos. El Natal, ficamos haciendo alguna cosa... (Jose Garcia, migrante venezuelano em Americana-SP).*

Essa é uma forma de marcar suas existências e de fazer suas vozes serem ouvidas nos diferentes espaços que ocupam. E, assim, fortalecidas/os, elas/es ficam mais próximas/os de seus direitos, viabilizando, sobretudo, o direito de *reterritorialização*, conforme desejo demonstrado por interlocutoras/es da pesquisa:

*[...] o estrangeiro [migrante], sempre ta buscando o melhor... Né? No só estrangeiro... A vida humana sempre ta buscando viver a vida melhor (Slovensky, migrante haitiano em Americana-SP).*

*Eu pretendo continuar porque tenho dos filhos y ele vai continuar, yo pretendo pelo menos até 18 años deles aquí. Aí, cuando eles for mayor de idade, dá para decidir si*

*eles vai ficar o si eu vou embora. Para a Bolivia (Mariana, migrante boliviana em Americana-SP).*

*Yo voy quedarme aqui porque és una región que hay muita segurança, sabe? É muy tranquilo, de verdade yo gostar... Tengo conocidos que estan en uma ciudad que se llama Recife... És así que fala? Recife. Ellos dicen que hay muita oportunidade de empleos para allí, só que ellos falan que la delinquencia y la inseguridad és muito forte. Enton yo tengo un poco de miedo (Angeles, migrante venezuelana em Americana-SP).*

*Sí, tengo. Porque mis hijos están muy bien acá en Americana. Vivimos mucho mejor acá (Graziela, migrante boliviana em Americana-SP).*

*És muy buena [mi vida en Americana-SP]. Somos una gran familia acá (Sara, migrante venezuelana em Americana-SP).*

*Sí, me quiero quedar unos años más, porque yo vejo que estoy mejor aqui (Julia, migrante boliviana em Americana-SP).*

*És muy buena [mi vida en Americana-SP]. Tengo amigos venezolanos, también tengo amigos brasileiros. És muy buena (Ana, migrante venezuelana em Americana-SP).*

*Ah sim, com certeza tenho intenção de quedarme! Eu adorei, eu gostei (Rosa, migrante boliviana em Americana-SP).*

*Bien. Mi vida aqui en Americana és bien, gracias a Diós. Vivimos todos bien, me siento bien (Teresa, migrante venezuelana em Americana-SP).*

*Eu gostei muito de aquí, me he acostumbrado con aquí (Eliz, migrante boliviana em Americana-SP).*

*Americana és una ciudad muy segura, muy limpia, las personas son muy solidarias. Me gusta mucho vivir acá (Rafael, migrante venezuelano em Americana-SP).*

*Eu vou ficar muito tempo eu acho aquí, en Americana (Ana, migrante boliviana em Americana-SP).*

*[...] minhas filhas no querem salir (Gabriela, migrante boliviana em Americana-SP).*

*Eu pretende morar aquí, digamos, ter una casa en Santa Bárbara o Americana (Nora, migrante boliviana em Americana-SP).*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O simples respeito às diferenças e aos direitos já conquistados por migrantes internacionais no Brasil poderia viabilizar uma realidade menos conflituosa e marginalizante. Porém, isso não é o que ocorre. Ao contrário, o que fica evidente são os desrespeitos – político, social e individual – que delineiam a realidade cotidiana de *xenorracismo* que marginaliza migrantes transnacionais não-brancas/os – até mesmo quando procuram acesso a serviços básicos, como saúde e educação públicas, garantidos por lei.

As diversas violências que permeiam a realidade migrante – sofridas no âmbito educacional, no acesso à saúde, ou na convivência social de forma geral – impelem-nas/os à uma produção estratégica de *territorialidades* (Costa, 2011) para construção de identidade,

pertencimento, abrigo, refúgio, encontros e segurança. A interação pautada na identidade é, assim, resposta ao *xenorracismo* sofrido quando em contato com nacionais.

Reunindo-se em comunidade, migrantes transnacionais se fortalecem e se veem imbuídos de poder para que cada uma e cada um possa se impor. Migrantes internacionais e seus corpos oprimidos, ora se escondem, ora se impõem. O aumento do número e a reunião de representantes de uma mesma nacionalidade garantem a elas/es maior segurança em se fazerem presentes. Por outro lado, essas/es migrantes passam a ser vistas/os e notadas/os por nacionais. Neste momento, passam a receber olhares pejorativos, olhares que as/os inferiorizam, olhares que questionam a sua presença. O olhar é um mecanismo de *xenorracismo*. É uma resposta *xenorracista* ao fenótipo migrante: o olhar do corpo brasileiro para o corpo migrante periférico quando este último busca sua reterritorialização no País. A partir do olhar *xenorracista*, corpos (e fenótipos) migrantes são notados e recebem olhares pejorativos.

A despeito disso – e, também, por isso e contra isso –, vivendo o urbano e deixando suas marcas, esses corpos ocupam espaços públicos, ganham ainda mais visibilidade, são fortalecidos, e usam este novo contexto como ferramenta de luta para sua resistência. Dito de outra forma, é a partir de um sentimento de opressão e de dor que elas/es se reúnem buscando proteção, usando a identidade como mecanismo de defesa e para produzir *territorialidades* – uma territorialidade de defesa e de abrigo, uma territorialidade para estes corpos se sentirem mais seguros.

Para buscar o pertencer, o uso do idioma natal revela-se importante ferramenta. Ele permite que migrantes reconheçam sua origem e se reconheçam como comunidade, além de ser uma forma de imposição perante nacionais. Nas territorialidades produzidas, portanto, migrantes sentem-se livres para conversar utilizando o idioma de origem. É a língua contribuindo para a construção de identidades e para a produção de *territorialidades*, garantindo felicidade, pertencimento e segurança.

Nesse movimento, driblam as dificuldades e seguem o processo de (re)territorialização. E, apesar das saudades que sentem “de casa” e do *xenorracismo* que enfrentam, muitas/os migrantes conseguem vislumbrar as dificuldades que enfrentariam se retornassem definitivamente à terra natal, o que raramente é colocado como um objetivo.

## REFERÊNCIAS

BASSO, P. Imigração, racismo e antirracismo na Europa de hoje. Tradução de Patricia Villen. In: TAVARES, M. A.; GOMES, C. (org.). **Intermitências da crise e questão social: uma interpretação marxista**. João Pessoa, PB: UFPB, 2013. p. 83-113.

- BASTIDE, R.; FERNANDES, F. **Branços e negros em São Paulo**. São Paulo, SP: Global Editora, 2008.
- CAMARGOS, M.; CARUSO, C. **Diálogos de Samira**: por dentro da guerra síria. São Paulo, SP: Moderna Editora, 2015.
- COSTA, R. H. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2011.
- FEKETE, L. The emergence of xeno-racism. **Race & Class**, US, v. 43, n. 2, p. 23-40, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0306396801432003>.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro, RJ: Cobogó, 2019.
- RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.
- SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1993.
- SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: MOURA, H. (coord.). **Migração interna**: textos selecionados. Fortaleza, CE: Banco do Nordeste do Brasil, 1980. p. 211-244. (Elaborado inicialmente em espanhol, para o Grupo de Trabalho sobre Migrações Internas da Comissão de População e Desenvolvimento do CLACSO – Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais. Divulgado, posteriormente, em português, na coletânea de ensaios: SINGER, P. I. Economia política e urbanização. 3. ed. São Paulo, SP: CEBRAP; Brasiliense, 1976).
- SIVANANDAN, A. Refugees from globalism. **Race & Class**, US, v. 42, n. 3, p. 87-100, 2001.